

EM BUSCA DO SENTIDO DE 68: ENTRE A POESIA DO FUTURO E O SIMULACRO DA POLÍTICA

*Cláudio Novaes Pinto COELHO**

RESUMO: Há quarenta anos os acontecimentos de 1968, em especial o movimento de maio na França, têm sido abordados exaustivamente em trabalhos acadêmicos, publicações na imprensa, livros com características as mais diversas, filmes de ficção e documentários, etc. O presente artigo, que aborda alguns livros publicados no Brasil em 2008, faz uma reflexão sobre duas interpretações antagônicas sobre esses acontecimentos: eles perderam o sentido, não significando mais nada, ou só podem ser compreendidos se forem situados na tradição dos movimentos revolucionários.

PALAVRAS-CHAVE: 1968. Tradição revolucionária. Simulacro. Política.

Nas últimas quatro décadas uma quantidade incalculável de textos, sons e imagens foi produzida sobre os acontecimentos do ano de 1968. Se levarmos em consideração os argumentos de Jean Baudrillard sobre a existência de uma relação inversamente proporcional entre a quantidade de informação e a presença do sentido, 68 não possui mais sentido algum. Para o sociólogo francês, o projeto social da modernidade de produzir sentido por intermédio da disseminação da informação fracassou:

Em toda a parte é suposto que a informação produz uma circulação acelerada do sentido, uma mais-valia de sentido homóloga à mais-valia econômica que provém da rotação acelerada do capital. A informação é dada como criadora de comunicação, e apesar do desperdício ser enorme, um consenso geral pretende que existe, contudo, sentido, que se redistribui em todos os interstícios do social – assim como um consenso pretende que a produção material, apesar dos seus disfuncionamentos e das suas irracionalidades, resulta ainda assim num aumento de riquezas e de finalidade social. Somos todos cúmplices deste mito. É o alfa e o ômega da nossa modernidade, sem o qual a credibilidade da nossa organização

* Faculdade Cásper Líbero. Pós-Graduação. São Paulo – SP – Brasil. 01310-940 – caudionpcoelho@uol.com.br

social se afundaria. *Ora o facto é que ela se afunda*, e por este mesmo motivo. Pois onde pensamos que a informação produz sentido, é oposto que se verifica. (BAUDRILLARD, 1991, p.104, grifo do autor).

De acordo com a perspectiva de Baudrillard, 68 não é real, não sendo possível a construção de qualquer representação verdadeira a seu respeito; existe apenas como uma imagem, um simulacro, sendo o fruto de um processo de simulação. Segundo o autor, “[...] a simulação põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’” (BAUDRILLARD, 1991, p.9-10, grifo do autor). A celebração de dez em dez anos do “aniversário” de 68 seria um exemplo de que “[...] a informação devora os seus próprios conteúdos. Devora a comunicação e o social. [...] Em vez de fazer comunicar, *esgota-se na encenação da comunicação*. Em vez de produzir sentido, *esgota-se na encenação do sentido*” (BAUDRILLARD, 1991, p.105, grifo do autor).

Para Baudrillard, os simulacros existem para dissimular a ausência de sentido, que não seria nenhuma catástrofe, já que a relação com os simulacros não é da ordem do sentido, mas do fascínio: “[...] para além do sentido, há o fascínio, que resulta da neutralização e da imposição do sentido” (BAUDRILLARD, 1991, p.109).

O inegável fascínio que os acontecimentos de 1968 provocam ainda hoje estaria vinculado a uma postura nostálgica que se manifesta como um componente da simulação:

Quando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade. Sobrevalorização de verdade, de objetividade e de autenticidade de segundo plano. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desaparecem (BAUDRILLARD, 1991, p.14).

Esse artigo pretende analisar livros publicados no Brasil em 2008, procurando compreender se o objeto e a substância de 68 desapareceram e se a busca pelas origens de 68, sua verdade e as experiências vividas pelos seus agentes, presente nestas publicações pode ser interpretada apenas como uma encenação nostálgica.

Uma outra abordagem dos acontecimentos de 1968 é caracterizada pelo tema da revolução social e pela perspectiva marxista. Especialmente os eventos do mês de maio na França (revoltas estudantis, greves operárias) são situados como fazendo parte da tradição revolucionária, da qual a França seria um país modelar, conforme argumentava Engels no prefácio para a terceira edição da obra de Marx, *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*:

A França é o país onde, mais do que em qualquer outro lugar, as lutas de classe foram sempre levadas à decisão final, e onde, por conseguinte, as formas políticas mutáveis nas quais se processam estas lutas e nas quais se condensam seus resultados tomam os contornos mais nítidos (ENGELS, 1974, p.333).

É justamente este livro de Marx a base para uma interpretação de 68 à luz da tradição revolucionária, particularmente a distinção estabelecida por ele entre a Revolução Burguesa e a Proletária, tendo em vista o modo como nestas revoluções se manifestariam as relações entre o passado, o presente e o futuro. O ponto de partida desta distinção são as célebres reflexões de Marx sobre a práxis histórica humana e a presença do passado nos processos revolucionários:

Os homens fazem sua própria história, mas não o fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada (MARX, 1974, p.335).

A presença do passado no presente de um processo revolucionário, na visão marxista, não se deve a uma manifestação nostálgica, que simula um sentido que não mais existe, ela possibilita na seqüência do processo revolucionário a produção de um novo sentido:

[...] os heróis, os partidos e as massas da velha Revolução Francesa, desempenharam a tarefa de sua época, a tarefa de libertar e instaurar a moderna sociedade *burguesa*, em trajes romanos e com frases romanas. [...] Uma vez estabelecida a nova formação social, os colossos antediluvianos desapareceram, e com eles a Roma ressurrecta. [...] A sociedade burguesa com seu sóbrio realismo havia gerado os seus verdadeiros intérpretes e porta-vozes. [...] A ressurreição dos mortos nessas revoluções tinha, portanto, a finalidade de glorificar as novas lutas e não a de parodiar as passadas; de engrandecer na imaginação a tarefa a cumprir, e não fugir de sua solução na realidade; de encontrar novamente o espírito da revolução e não de fazer caminhar o seu espectro outra vez. (MARX, 1974, p. 335-336).

No entanto, uma vez estabelecida a sociedade burguesa, o recurso ao passado perde as suas características revolucionárias, entrando no terreno da mistificação. As revoluções anticapitalistas, proletárias, não se inspirarão mais no passado e sim no futuro. Mas, para produzir o futuro, as revoluções proletárias necessitam romper com o passado, mediante a sua crítica:

A revolução social do século XIX não pode tirar sua poesia do passado, e sim do futuro. Não pode iniciar sua tarefa enquanto não se despojar de toda veneração supersticiosa do passado. As revoluções anteriores tiveram que lançar mão de recordações da história antiga para se iludirem quanto ao próprio conteúdo. A fim de alcançar seu próprio conteúdo, a revolução do século XIX deve deixar que os mortos enterrem seus mortos. Antes a frase ia além de seu conteúdo; agora é o conteúdo que vai além da frase. (MARX, 1974, p.337).

As revoluções proletárias como as do século XIX, se criticam constantemente a si próprias, interrompem continuamente seu curso, voltam ao que parecia resolvido para recomê-lo outra vez, escarnecem com impiedosa consciência as deficiências, fraquezas e misérias de seus primeiros esforços, parecem derrubar seu adversário apenas para que este possa retirar da terra novas forças e erguer-se novamente, agigantado, diante delas, recuam constantemente ante a magnitude infinita de seus próprios objetivos, até que se cria uma situação que torna impossível qualquer retrocesso e na qual as próprias condições gritam:

Hic Rhodus, hic salta! Aqui está Rodes, salta aqui! (MARX, 1974, p.38).

De uma perspectiva marxista deve-se investigar se a presença de 68 no presente possui características de uma paródia, de uma invocação do espectro da revolução, ou se é uma crítica do passado necessária para que a poesia seja procurada no futuro, visando a preparação adequada para o pleno aproveitamento das condições favoráveis à revolução.

Segundo a perspectiva de Baudrillard, a inserção de 68 na tradição revolucionária é desprovida de sentido; os próprios acontecimentos de 1968, pelo menos parcialmente, já estariam vinculados à implosão do projeto moderno de valorização do social que, para o autor, são os procedimentos baseados no cálculo racional e voltados para o controle dos comportamentos coletivos. À implosão do social corresponde a implosão do poder e da política revolucionária.

O maio de 68 foi sem dúvida o primeiro episódio implosivo, isto é, contrariamente à sua reescrita em termos de prosopopéia revolucionária. [...] de resto, uma boa

parte dos acontecimentos de 68 podem ter dependido ainda de uma dinâmica revolucionária e de uma violência explosiva, uma outra coisa começou aí ao mesmo tempo: a involução lenta do social, sobre um ponto determinado e a implosão consecutiva e súbita do poder, sem um breve lapso de tempo, mas que desde então nunca mais cessou – é mesmo isso que continua em profundidade, a implosão, a do social, das instituições, a do poder – e de modo nenhum uma dinâmica revolucionária impossível de encontrar. Pelo contrário, a própria revolução, a idéia de revolução, implode ela também e esta implosão tem conseqüências sérias, mais sérias que a própria revolução. (BAUDRILLARD, 1991, p.96).

A partir dos acontecimentos de 1968, a política só sobrevive como simulacro, como simulação de uma ação política real, mas que existe apenas como espetáculo, jogo, encenação:

O político há muito tempo é considerado só como espetáculo no interior da vida privada, digerido como divertimento semi-esportivo, semilúdico (veja-se o voto vencedor das eleições americanas, ou a tarde de eleições no rádio ou na tevê), e na forma ao mesmo fascinada e maliciosa das velhas comédias de costumes. O jogo eleitoral se identifica há muito tempo aos jogos televisados na consciência do povo. Este, que sempre serviu de álibi e de figurante para a representação política se vinga entregando-se á representação *teatral* da cena política e de seus atores. O povo tornou-se *público*. É o jogo, o filme ou os desenhos animados que servem de modelo de percepção da esfera política. O povo também aprecia dia-a-dia, como num cinema a domicílio, as flutuações de sua próprias opiniões na leitura cotidiana das sondagens. Nada disso tudo incita a uma responsabilidade qualquer. Em momento algum as massas são engajadas de modo consciente política ou historicamente. (BAUDRILLARD, 1991, p.34, grifo do autor).

As entrevistas de Fernando Henrique Cardoso e José Dirceu publicadas no livro de Zuenir Ventura, *1968: o que fizemos de nós*, parecem confirmar a transformação da política em simulacro e o esvaziamento do sentido de 1968. Por mais incrível que possa parecer, tendo em vista a atuação política contemporânea dos entrevistados, eles “disputam” a herança de 68. Segundo F.H. Cardoso (VENTURA, 2008, p.177):

De 68 sobrou mais no meu governo do que no governo do Lula, em termos de comprometimento com causas generosas e humanas.. Estabeleceu-se uma relação mais aberta com a sociedade. Nunca houve tanta interação entre sociedade civil e governo quanto no período em que estive lá.

Por sua vez, José Dirceu (VENTURA, 2008, p.201) ainda se considera um representante da geração de 68:

Eu me considero representante dessa geração ainda hoje. Mudei em muitas coisas, o mundo mudou, mas não nos meus ideais, nos meus sonhos. Sem falsa modéstia, se tem uma pessoa coerente sou eu, porque fui militante político a vida toda, desde o início.

Fernando Henrique Cardoso, presidente de um governo que privatizou inúmeras empresas públicas, afirma ser um crítico da redução da realidade social à lógica econômica do mercado capitalista:

Não estou negando a importância da empresa moderna, que realmente ficou mais racional, dá até cultura e educação. Mas é insuficiente, não se forma um país só com isso. O objetivo da empresa não é esse; ela pode subsidiariamente ter elementos de solidariedade, mas o seu objetivo fundamental é competir e ganhar dinheiro. Estamos reduzidos ao mercado. O que segura o governo Lula? Por que todo aquele desastre ético não teve consequência? Por causa da economia, porque as pessoas estão melhores financeiramente do que estavam antes. (VENTURA, 2008, p.83).

Já o “representante da geração 68” avalia que sua experiência no poder foi positiva: “No sentido de que pudemos colocar em prática uma série de programas, sonhos e idéias em benefício do país, só trouxe coisas boas.” (VENTURA, 2008, p.205).

A constatação de que na realidade brasileira contemporânea a política está reduzida a um simulacro não implica necessariamente uma concordância com a interpretação de Baudrillard sobre o fim do social, do poder e das perspectivas revolucionárias. Conforme argumenta Guy Debord num texto redigido em 1988, a transformação da política em espetáculo é uma ação dos dominantes e não dos dominados, que agem visando o desaparecimento do conhecimento histórico, e são os membros da classe dominante (e os que atuam em seu favor como os políticos Fernando Henrique Cardoso e José Dirceu) que esvaziam o sentido de 68:

O primeiro intuito da dominação espetacular era fazer sumir o conhecimento histórico geral; e, em primeiro lugar, quase todas as informações e todos os comentários razoáveis sobre o passado recente. Uma evidência tão flagrante não precisa ser explicada. O espetáculo organiza com habilidade a ignorância do que acontece e, logo a seguir, o esquecimento do que, apesar de tudo,

conseguiu ser conhecido. O mais importante é o mais oculto. Há vinte anos nada é tão dissimulado com mentiras dirigidas quanto à história de maio de 1968. (DEBORD, 1997, p.176-77).

Tendo em vista o processo de desaparecimento do conhecimento histórico, assume grande importância a publicação de documentos históricos de 68 (e da década de 60 como um todo), que fazem parte do material publicado no livro *Maio de 68* (COHN; PIMENTA, 2008), da coleção Encontros da editora Azougue. Neste livro pode-se ler, por exemplo, uma entrevista de Daniel Cohn-Bendit, o líder estudantil mais famoso, feita por Jean Paul Sartre e publicada originalmente na revista *Le Nouvel Observateur* em maio de 68. Nesta entrevista é possível perceber que Cohn-Bendit era perfeitamente consciente dos limites do maio francês e das condições para uma revolução vitoriosa. Para ele, o movimento estudantil:

[...] alcançou uma extensão que não podíamos de início prever. Neste momento o objetivo é derrubar o regime. Mas não depende de nós que esse objetivo seja ou não alcançado. Se fosse realmente um movimento do Partido Comunista, da CGT, e de outras centrais sindicais, não haveria problema: o regime cairia em quinze dias, pois não há como se opor a uma manifestação de força que envolva todo o movimento operário (COHN; PIMENTA, 2008, p.14).

[...]

A mudança radical das estruturas de nossa sociedade somente seria possível se se produzisse de repente uma concomitância de uma crise econômica grave com a ação de um potente movimento operário e de um forte movimento estudantil. Hoje estas condições não estão dadas. O máximo que se pode pretender é a queda do governo. (COHN; PIMENTA, 2008, p.18).

Em sua entrevista a Sartre, Cohn-Bendit posiciona-se claramente sobre a célebre questão da ausência ou não de um programa no movimento francês, apresentando quais seriam as condições necessárias para a elaboração de um programa, que não deveria ser uma elaboração prévia, mas uma consequência do desenvolvimento do próprio movimento:

[...] consiste em tratar de fazer compreender a situação, não pela totalidade dos estudantes, nem sequer pela totalidade dos manifestantes, mas por um grande número dentre eles. Para isto é necessário evitar a criação imediata de uma organização ou definir um programa, o que seria inevitavelmente paralisante. A única chance do movimento é exatamente essa desordem que permite às pessoas falar livremente e que pode desembocar, por fim, em certa forma de

auto-organização. [...] Ante a repentina liberdade de palavra em Paris, torna-se necessário em primeiro lugar que as pessoas se expressem. Dizem coisas confusas, vagas, com frequência sem interesse, porque já foram repetidas cem vezes, mas isso lhes permite, depois de ter dito tudo isso, colocar-se a seguinte pergunta “E agora?” Somente depois é que se poderá falar de programa ou de estruturação. (COHN; PIMENTA, 2008, p.20-21).

Como se pode perceber pelas palavras de Cohn-Bendit o movimento de maio na França não foi um movimento que se recusou a tomar o poder, que negava a necessidade de um programa revolucionário, e que pretendia apenas liberar o desejo, conforme muitas interpretações afirmam, como as existentes no livro de Regina Zappa e Ernesto Soto (2008) *Eles Só Queriam Mudar o Mundo*. De acordo com o escritor, dramaturgo e filósofo Alcione Araújo, em entrevista publicada no livro:

A atitude dos estudantes franceses desconcertava a direita, e a esquerda, especialmente o PCF, ficou paralisada. Em plena ebulição das barricadas, Sartre diz: “Ainda não entendi,mas tendo a apoiar os jovens”. Só que ele se tornara maoísta e, naquele momento, os estudantes não queriam mais saber dos maoístas: a Revolução Cultural na China estava nos seus estertores. A idéia era assim: não nos interessam as palavras de ordem que vêm da Primavera de Praga, reprimindo o movimento theco, não nos interessam as palavras do PCF e não interessam as da direita francesa. O que interessava era o exercício do eu, da liberdade. Mas não a liberdade no conceito clássico, e sim a liberdade do indivíduo [...] Naquele momento, os jovens queriam agir impulsionados pelo desejo, e o processo civilizatório é, como dizia Freud, repressor do desejo e nos condenou à frustração, uma vez que não posso ser livre totalmente. [...] A libertação do corpo como um fato da ordem política aparece no movimento na França. (COHN; PIMENTA, 2008, p.132-133).

A “análise” de Alcione Araújo parece dar razão ao argumento de Baudrillard de que não é mais possível distinguir o verdadeiro do falso, já que é um simulacro de análise, tamanho o grau de impropriedades históricas presentes. No texto que encerra a entrevista que fez com Cohn-Bendit, Sartre afirma, a respeito do movimento estudantil francês, que: “Existe algo que surgiu de vocês que assombra, que transtorna, que renega tudo o que fez de nossa sociedade o que ela é. Trata-se do que eu chamaria de *expansão do campo do possível*. Não renunciem a isso” (COHN; PIMENTA, 2008, p.25).

As afirmações de Sartre, publicadas em 20 de maio de 1968, não correspondem à interpretação de que ele não teria entendido o movimento dos jovens franceses.

Não se sustenta, também, a visão de que não havia influência da corrente política identificada com o maoísmo entre os estudantes franceses. De acordo com Christopher Bourseiller (1996) no livro *Les Maoïstes*, o apogeu da influência dessa corrente política se deu entre janeiro de 1969 e julho de 1970. Segundo o autor, a história do movimento francês é inseparável da história das organizações políticas revolucionárias, sendo que os maoístas foram a corrente política mais influente no período pós-68:

De todas as organizações maoístas do pós-maio de 68, a mais importante, tanto numericamente quanto em termos de influência cultural, foi sem dúvida a Esquerda Proletária. Foi ela que soube ir ao encontro da “França Selvagem” e conquistar a Intelligentsia. Foi ela que literalmente dominou a paisagem da contestação até a sua auto-dissolução definitiva em novembro de 1973.

Certamente não foi a única organização presente no início dos anos setenta. Uma história do movimento de Maio deveria também se interessar pelos grupos trotskistas (Liga comunista, Luta Operária, Organização trotskista), anarquistas (Organização revolucionária anarquista, Federação anarquista), de ultraesquerda (Informações-Corespondências-Operárias, Revolução Internacional, Poder operário) ou de difícil classificação (Cadernos de Maio, Organização comunista Revolução!), sem que se esqueça de outros grupos marxistas-leninistas (Partido comunista marxista-leninista da França, Linha vermelha, Voz Popular).

Todos esses “grupúsculos esquerdistas”, segundo a denominação dos governantes e do Partido comunista desempenharam, cada qual à sua maneira, um papel decisivo na explosão política e cultural do pós-Maio. Mesmo que ainda falte determinar a sutil dialética que se estabeleceu então entre os diversos grupos existentes e o espírito de Maio. Por que o trotskismo ou o maoísmo puderam encarnar a revolta de toda uma juventude, ao ponto de se confundir com ela? (BOURSEILLER, 1996, p.105-106).

O livro *Eles Só Queriam Mudar o Mundo* parece se enquadrar também na articulação apontada por Baudrillard entre o esvaziamento do sentido provocado pela produção de simulacros e a valorização nostálgica do passado. Como se pode ler nos parágrafos finais do livro, para os autores:

1968 foi um apogeu de uma trajetória de contestação aos valores, tabus e preconceitos existentes. A herança de lutas utópicas desse tempo está presente nos costumes mais liberais dos nossos dias, nas relações sociais mais generosas, na visão solidária do mundo, no humanismo que sobrevive em meio à aspereza do mercado e na aspiração à liberdade, uma conquista cada vez mais acalentada.

A história segue seu curso. Não haverá, possivelmente, outro ano tão rico em combatividade e idealismos quanto 1968. Serve de alento, no entanto, imaginar que sempre se poderá buscar na memória desse tempo a semente do não-conformismo e do sonho de um mundo melhor (ZAPPA; SOTO, 2008, p.290).

A interpretação de Zappa e Soto insiste no tema da dimensão utópica dos acontecimentos de 68, que se tornou um chavão vazio de sentido, sendo repetido inclusive por Fernando Henrique Cardoso. No livro de Zuenir Ventura, ao responder a uma pergunta sobre a herança de 68 para a esquerda, ela afirma os vínculos entre a esquerda, 68 e a utopia: “Com a queda do Muro de Berlim, ficou-se no ar. Falta a força mobilizadora da utopia. Nanterre era utopia, era pura utopia. Não existe esquerda sem utopia. É preciso ter uma visão grandiosa, generosa da humanidade.” (VENTURA, 2008, p.177).

A publicação de documentos históricos sobre 68 funciona como um antídoto contra a sua transformação em simulacro, como se pode perceber também pela entrevista do principal líder estudantil alemão Rudi Dutschke publicada no livro *Maió de 68*, cuja versão original foi concedida à revista *Spiegel* em 1968. Nessa entrevista Dutschke explicita a sua concepção de poder:

[...] nós pretendemos um sistema de democracia direta – e na verdade de democracia de conselhos que permite às pessoas escolher ou destituir do cargo seu representante temporário, como cumpre ser necessário numa situação como essa, que funcione contra qualquer forma de dominação da consciência crítica. Então se reduziria a dominação, do homem pelo homem até a menor medida possível. (VENTURA, 2008, p.76).

Um outro documento histórico sobre os acontecimentos de maio de 1968 na França publicado no Brasil em 2008 foi o livro *Paris: maio de 68*, assinado pelo grupo de esquerda inglês Solidarity e que narra a participação de um de seus militantes nos eventos daquele mês:

ESTE É UM RELATO DE UMA TESTEMUNHA OCULAR que passou duas semanas em Paris durante o mês de maio de 1968. Ele expressa o que uma pessoa viu, ouviu e descobriu durante esse curto período (SOLIDARITY, 2008, p.13).

A publicação de livros com relatos testemunhais de acontecimentos de 1968, num contexto contemporâneo marcado pelo esvaziamento da temporalidade e pela redução da história a um simulacro, permite uma revalorização da importância do

conhecimento histórico, capaz de resgatar o significado do termo história trabalhado por Heródoto. Segundo a filósofa Jeanne Marie Gagnebin (2005, p.14):

O nosso conceito implica um gênero científico bem determinado; a palavra grega *historie* tem, nessa época e nesse contexto, uma significação muito mais ampla: ela remete à palavra *histôr*, “aquele que viu, testemunhou”. O radical comum (*v*)*id* está ligado à visão (*videre* em latim *ver*), ao ver e ao saber (*oida* em grego significa *eu vi* e também *eu sei*, pois a visão acarreta o saber). Heródoto quer apresentar, mostrar (*apodexis*) aquilo que viu e pesquisou.

Dentre os episódios descritos no livro talvez o mais significativo seja o encontro entre estudantes que saíram em passeata desde a Sorbonne, e os operários que ocupavam a fábrica da Renault nos subúrbios de Paris, que aconteceu apesar das tentativas das lideranças da CGT e do PCF de impedi-lo:

Parte da fábrica começa a aparecer diante da nossa frente, três andares de altura na nossa esquerda, dois andares de altura na nossa direita. Em frente, há um gigantesco portão de metal, fechado com trancas. A fileira da frente de trabalhadores está sentada no parapeito, com suas pernas para fora da janela. Muitos parecem adolescentes, um deles agita uma grande bandeira vermelha. Não há bandeiras tricolores à vista –, nenhuma “ideologia dual” como eu havia visto em muitos lugares ocupados. Outras dezenas de trabalhadores estão no telhado dos dois prédios. Nós acenamos. Eles acenam de volta. Nós cantamos a *Internationale*. Eles cantam juntos.

Nós fazemos a saudação com os punhos fechados. Eles fazem o mesmo. Todos aplaudem e fazem festa. O contato está sendo feito.

Uma troca interessante ocorre. Um grupo de manifestantes começa a gritar “Les usines aux ouvriers” (As fábricas aos trabalhadores). O lema se espalha rapidamente na multidão. Os maoístas, que agora constituem uma minoria definida, estão um tanto aborrecidos. (De acordo com o líder Mao, o controle dos trabalhadores é um desvio pequeno-burguês, anarco-sindicalista). “Les usines aux ouvriers”... O lema ecoa dez, vinte vezes em volta da Place Nationale, gritado por uma multidão já de cerca de três mil pessoas.

Na medida em que os gritos baixam, uma voz solitária vinda de um dos telhados da Renault grita de volta: “La Sorbonne aux étudiants” (A Sorbonne aos estudantes). Outros trabalhadores no mesmo telhado o seguem, e logo após os que estavam no outro telhado fazem o mesmo. Pelo volume de suas vozes, parece haver pelo menos uns cem deles em cima de cada prédio. Começa então um momento de silêncio.

Todos pensam que a troca chegou ao fim. Mas um dos manifestantes começa a gritar: “La Sorbonne aux ouvrièrs” (A Sorbonne aos trabalhadores).

Em meio a um riso geral, todos se unem à palavra de ordem.

Começamos a conversar.[...] Na altura da rua existem aberturas na fachada de metal do Prédio. Grupos de estudantes se aglomeram nessa meia dúzia de aberturas e conversam com grupos de trabalhadores do outro lado. Eles discutem sobre salários, condições trabalhistas, a CRS, o que os camaradas lá dentro necessitam mais e como os estudantes podem ajudar.

Conversam livremente, não são membros do Partido. Eles acham que o que se fala constantemente sobre provocadores é pouco provável que aconteça, mas que as máquinas devem ser cuidadas. Nós apontamos que dois ou três estudantes dentro da fábrica, acompanhados pelo comitê de greve, provavelmente não poderiam danificar as máquinas.

Eles concordam. Expomos o contraste das portas totalmente abertas da Sorbonne com os cadeados e trancas do portão da Renault – fechados pelo pessoal da CGT de modo a evitar a contaminação ideológica de “seus militantes”. Como é idiota ter que falar através dessas estúpidas pequenas fendas no muro, dizemos. Novamente eles concordam. Eles colocaram isso para seus dirigentes (GAGNEBIN, 2005, p.59-60).

O relato do militante do grupo Solidarity, que narra o encontro de estudantes e operários, chama a atenção para a principal característica do maio francês: o descompasso entre movimentos sociais e suas formas de organização e representação (partidos e sindicatos). Esse descompasso se fez presente também em outros movimentos e situações revolucionárias do século XX, como a Guerra Civil Espanhola, o governo de Allende no Chile e a Revolução dos Cravos em Portugal. Inserir os acontecimentos de 68 na tradição revolucionária significa ressaltar a importância de uma crítica e autocrítica do descompasso entre movimentos sociais e formas de organização política. Dentre os livros publicados sobre 68 analisados nesse artigo, os que apresentam documentos históricos do período permitem a inserção na tradição revolucionária, problematizando a redução de 68 e da ação política em geral a um simulacro.

E se a Revolução Social precisa acertar as contas com o passado para que seja possível construir a poesia do futuro, é fundamental que relembremos, seguindo o relato do escritor mexicano Carlos Fuentes, a explosão discursiva (e comunicacional) que aconteceu em maio de 68 em Paris, para que tenhamos noção do que deve ser superado no futuro:

Cafés, bistrôs, oficinas, aulas, fábricas, lares, esquinas dos bulevares: Paris se transformou em um grande seminário público. Os franceses descobriram que há anos não dirigiam a palavra uns aos outros, e que tinham muito a se dizer. Sem televisão e sem gasolina, sem rádio e sem revistas ilustradas, deram-se conta de que as “diversões” os tinham, realmente, distraídos de todo contato humano real. Durante um mês, ninguém tomou conhecimento das gestações da princesa Grace ou dos amores de Johny Halliday, ninguém se sentiu impelido pelos apelos publicitários para trocar de carro, relógio ou de marca de cigarros. Em lugar das “diversões” da sociedade de consumo, renasceu de maneira maravilhosa a arte de as pessoas se reunirem para escutar e falar e reivindicar a liberdade de interrogar e duvidar.

Os contatos se multiplicaram, iniciaram-se, restabeleceram-se. Houve uma revolta – tão importante quanto às barricadas estudantis ou a greve dos operários – contra a calma, o silêncio, a satisfação, a tristeza (FUENTES, 2008, p.21-22).

IN SEARCH FOR THE 1968’S SENSE: BETWEEN THE FUTURE POETRY AND THE POLITICS IMITATION

ABSTRACT: *Forty years ago the 1968 happenings, specially the May Movement in France, have been exhaustively approached in academic essays, press printings, various books, fiction movies and documentaries, etc. The present article, which approaches some books published in Brazil in 2008, brings an idea about two antagonistic interpretations of these happenings: the have lost their sense, meaning nothing more, or can only be understood if contextualized in the tradition of revolutionary movements.*

KEYWORDS: *1968. Revolutionary tradition. Imitation. Politics.*

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **À sombra da maioria silenciosa**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

BOURSEILLER, C. **Les maoïstes**. Paris: Plon, 1996.

COHN, S.; PIMENTA, H. (Org.). **Maio de 68**. São Paulo: Azougue, 2008. (Coleção Encontros).

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ENGELS, F. Prefácio para a terceira edição alemã de O 18 brumário de Luís Bonaparte. In: MARX, K. **Manuscritos econômico- filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p.327-328. (Os pensadores).

FUENTES, C. **Em 68**: Paris, Praga e México. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GAGNEBIN, J. M. **7 aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

MARX, K. O 18 brumário de Luís Bonaparte. In: MARX, K. **Manuscritos econômico- filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. p.323-393. (Os pensadores).

SOLIDARITY. **Paris: maio de 68**. São Paulo: Conrad, 2008.

VENTURA, Z. **1968**: o que fizemos de nós. São Paulo: Planeta, 2008.

ZAPPA, R.; SOTO, E. **Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

Recebido em novembro de 2008

Aprovado em dezembro de 2008